



EXPERIÊNCIA E FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO A PARTIR DO PROLICEN

Luana Ferreira Domiciano ¹
Lucicléa Teixeira Lins ²

RESUMO

Este texto apresenta o desenvolvimento e os resultados de um projeto de ensino realizado no Programa de Fortalecimento de Licenciaturas (PROLICEN)/2019. Tratou-se de problematizar as especificidades das escolas localizadas no campo (suas práticas pedagógicas) e, contribuir para a formação do profissional pedagogo. A proposta está ancorada com as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas Campo, com vistas a sua implementação como um dos documentos norteadores da prática pedagógica nessas escolas. Desse modo, busca proporcionar para que os camponeses e seus filhos, estudantes e professores do curso de pedagogia do campus III, CCHSA/UFPB, assim como a população em geral, possa conhecer e valorizar o *modus vivendi*, que configura uma cultura identitária específica dos povos campestres, sem perder, contudo, a unidade com os conhecimentos mais gerais. Assim, oportuniza ao mesmo tempo em que abre o debate entre universidade e comunidade escolar acerca de suas participações na discussão tão em pauta e necessária que é a educação do campo, e busca ampliar o conhecimento produzido sobre a temática. O *lôcus* das ações desse trabalho é a Escola Lindolfo Grilo no município de Bananeiras - PB. A metodologia prioriza o caráter pedagógico participativo e dialógico, proporcionando reflexão das/nas experiências dos estudantes do curso de pedagogia na perspectiva de uma aprendizagem coletiva, incorporando esses sujeitos no processo de ação-reflexão-ação das atividades docentes, criando situações para o aprendizado mútuo e colaborativo entre universidade e escola.

Palavras-chave: Educação do Campo; Práticas educativas; Cultura campestre.

INTRODUÇÃO

Busca-se neste artigo, apresentar-se os frutos, desafios e possibilidades colhidos no Programa de Fortalecimento de Licenciaturas (PROLICEN)/2019, do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias - CCHSA da Universidade Federal da Paraíba, a partir do Projeto chamado “AS DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DAS ESCOLAS CAMPO: POSSIBILIDADES E FORTALECIMENTO DE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS”, vigente durante o ano de 2019.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus III. CCHSA/UFPB. luanaferrirax@outlook.com;

² Historiadora e pedagoga. Mestre e doutora em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE – UFPB. Professora do Departamento de Educação – DE. Campus III. CCHSA/UFPB. luciclealins@yahoo.com.br.



Cuja proposta ancorou-se nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas Campo (BRASIL, 2002). Em seu Art. 2º, apresenta que se “constitui de um conjunto de princípios e procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo as demais Diretrizes Curriculares Nacionais”, portanto há uma orientação de um princípio pedagógico pautado na interdisciplinaridade onde a construção do conhecimento precisa ser visto de forma integrada e valorizando os diferentes saberes.

O projeto procurou discutir sobre as Diretrizes Operacionais, com vista à sua implementação como um dos documentos norteadores das práticas pedagógicas da Escola Lindolfo Grilo, no município de Bananeiras na Paraíba. Valorizando a cultura camponesa como elemento fortalecedor da identidade campesina através do exercício da ação-reflexão no lócus do projeto.

As ações buscaram contribuir significativamente para que os camponeses e seus filhos, estudantes e professores do curso de pedagogia do campus III, CCHSA/UFPB, bem como a população em geral, fosse permitido conhecer e valorizar o *modus vivendi*, que configura uma cultura identitária específica dos povos campesinos sem perder a unidade com os conhecimentos mais gerais.

Dado o exposto, propiciamos a abertura do debate entre universidade e comunidade escolar acerca das suas participações na discussão fundamentalmente continuada e precisa sobre a educação do campo, em virtude de ampliar o conhecimento produzido sobre a temática. Possibilitamos momentos de reflexão dás/nas experiências dos estudantes do curso de pedagogia na perspectiva de uma aprendizagem coletiva, incorporando esses sujeitos no processo de ação-reflexão-ação das atividades docentes, criaram-se situações para o aprendizado mútuo e colaborativo entre universidade e escola.

METODOLOGIA

O projeto funda-se nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo (BRASIL, 2002). Que, considerada como um marco significativo na trajetória da educação camponesa, apresenta-se como um documento legal/oficial direcionado aos processos de orientação e organização das escolas campesinas.

Do ponto de vista metodológico, o exercício da consciência foi o aspecto primordial para o desenvolver das ações. A consciência é o próprio ser humano. Com tudo o que ela pode



tornar disponível para mover-se no mundo e ao mundo, para movimentar os pensamentos e as relações que mantém.

Acrescentou-se a observação participante como instrumento de coleta e reconhecimento de dados sobre a realidade da escola, dos professores e, principalmente, dos alunos. Esta técnica permite ao observador, quando concedido, partilhar das experiências vivenciadas em determinado grupo/comunidade.

Lofland também a define como:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação. (LOFLAND apud MAY, 2004, p. 177).

Os objetivos do projeto visavam dialogar, produzir e expor os resultados ao final das ações, como gesto de abertura para novas possibilidades de conversa e trocas de aprendizagens entre à docência da escola e à docência em formação da UFPB.

Objetivou-se:

- Conscientizar acerca da importância e da valorização da cultura camponesa como elemento de fortalecimento da identidade campesina;
- Produzir material pedagógico que subsidiem os encontros e as discussões na escola a partir das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo;
- Sistematizar e socializar a produção realizada nas oficinas ao término do projeto.

Os processos metodológicos constituíram-se sob uma visão colaborativa entre o Projeto de Ensino da Universidade, a respectiva equipe e a escola municipal. Por isso, assumimos uma postura dialógica, que favorece também o próprio entendimento da identidade profissional dos professores, reafirmando-a ou a reconstruindo através do:

Significado que cada professor [futuro professor], enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes e de suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, 2002, p. 19).



Os procedimentos metodológicos deram conta dos seguintes pontos:

- Reunião com a docência e gestão da escola;
- Apresentação expositiva das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo para os professores;
- Planejamento coletivo sobre as datas para execução das oficinas;
- Observações participante;
- Planejamentos das oficinas;
- Criação de materiais pedagógicos para as oficinas;
- Oficinas pedagógicas em sala de aula com os alunos e professores;
- Culminância.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em 2005, o Instituto Nacional de estudos e Pesquisas educacionais (INEP) divulgou o primeiro estudo que oferece um retrato abrangente da educação nos assentamentos de Reforma Agrária no Brasil. O estudo foi realizado em parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), os dados são referentes ao ano de 2004.

A Educação do Campo se insere neste contexto em suas diversas necessidades e especificidades, de caráter cultural e material. Contudo muitos desafios são enfrentados nessas escolas, a exemplo da insuficiência e precariedade das instalações físicas da maioria das escolas; dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas em razão da falta de um sistema adequado de transporte escolar; falta de professores habilitados e concursados.

Tudo isso provoca problemas de rotatividade; falta de conhecimento especializado sobre políticas de educação básica para o meio rural, currículos inadequados; ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar nas escolas do campo; predomínio de classes multisseriadas; elevadas taxas de distorção idade-série; baixos salários e sobrecarga de trabalho dos professores; necessidade de reavaliação das políticas de nucleação das escolas e de implementação de calendário escolar adequado às necessidades do meio rural.



Já conforme os dados do Censo Escolar 2011, (MOLINA, 2011), o Brasil possui 76,2 mil escolas rurais, das quais 42 mil são multisseriadas, quase 15% ainda não possuem energia elétrica, 89% não têm biblioteca e 81% não contam com laboratório de informática. Além da infraestrutura precária, um levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), feito com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2009, indica que 2,5% das crianças e dos adolescentes com idade entre 7 e 14 anos que vivem no campo estão fora da escola. Estes dados revelam as dificuldades em universalizar o acesso à Educação Básica na zona rural e de garantir sua qualidade. Outro desafio é a formação dos professores que atuam nas escolas do campo. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), aproximadamente 160 mil (44%) não possuem sequer ensino superior.

Diante dessas informações e das necessidades apresentadas é que referendamos a proposta de trabalho realizada, no sentido de ampliar as possibilidades de troca de experiências eficazes entre a Universidade e às escolas do campo, fortalecendo o curso de Licenciatura em Pedagogia do campus III, CCHSA/UFPB. Buscando compreender as práticas pedagógicas no cotidiano da Escola Municipal Lindolfo Grilo, Bananeiras - PB, e desta forma oportunizar à educação escolar no campo, respaldada pelas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, uma educação que tenham como ponto de partida, o contexto do campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto foi executado durante o ano de 2019, com a participação de apenas uma estudante do curso de pedagogia ao lado da coordenadora do projeto que somada a equipe escolar realizou as ações previstas no corpo do projeto.

É pertinente que antes da apresentação das ações, seja feita uma breve caracterização do ambiente escolar, que é semelhante a muitas escolas do campo no contexto das diversas necessidades e especificidades, sobretudo, cultural.

A escola possui três turmas, sendo uma delas multisseriada, infelizmente ainda um cenário comum dessa modalidade de ensino. São salas de aulas muito simples, com quase nenhum recurso visual e bastante pequenas. Algumas ainda com o uso das carteiras enfileiradas, o que tornou o ambiente ainda mais estreito.

Talvez o maior desafio veio em desenvolver estratégias que conseguissem romper com os modelos arraigados de educações que propriamente, não visam o campo, o que ele oferta ou



quem pertence a ele, como locus de ensino-aprendizagem. Por outro lado, cautelosos para que não se transformem em atividades de caráter unicamente técnico. Culminando-se, primordialmente, a bagagem cultural, inerente às demais que eles carregam.

Nos primeiros meses do projeto, nós realizamos uma reunião junto aos professores e gestores da escola com a finalidade de discutirmos sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo, com a finalidade de torná-la comumente conhecida no ordenamento diário das práticas pedagógicas da escola.

Planejamos em conjunto as possíveis datas para a realização das *oficinas temáticas*. Três oficinas, uma realizada para cada turma, com temas e práticas diferentes, adequados a cada sala a partir dos dados colhidos na observação participante.

Durante o planejamento criamos uma questão para que auxiliasse no elaborar das oficinas: o que há em comum entre eles que será útil como instrumento de ensino? A agricultura familiar e a criação de animais, práticas comuns da Zona Rural do Município de Bananeiras. Dessa realidade comum, eis que surgiu a (1º) oficina.

Tratou-se de uma turma multisseriada de 1º e 2º anos, contendo 17 alunos ao todo. Segundo a professora, as crianças estavam em processo de alfabetização. Pensando nisso, nos apropriamos das práticas de letramento, utilizando a letra de uma canção infantil da cantora Elba Ramalho. A canção se chama “O Peru”, que logo se tornou o tema da aula. Dentro do texto da música se obteve práticas alfabetizadoras por meio da interpretação, identificação de palavras conhecidas, similares e desconhecidas, reescrevendo-as e analisando-as, tanto ortograficamente como sonoramente.

Num baú, havia imagens dos personagens e objetos que estão presentes no enredo, como o peru, o pavão, carvão, ribeirão, água, pássaros e assim sucessivamente. Então, em círculo, sentados ao chão, sobre uma toalha, começamos a conversar sobre cada imagem que estava dentro do baú. Uma por uma foi retirada e debatida em conjunto, se conheciam o que a imagem apresentava, se onde eles residem existem esses animais e objetos, quais características são próprias desse personagem? Essas e mais outras foram indagações levantadas que logo se tornaram em argumentos ricos e reflexivos. São experiências que se tornam invisíveis dentro do ambiente escolar, mas que precisam ser vistas como possibilidades de uma educação significativa, de formação consciente e emancipatória.

Continuando as atividades sobre o texto, fizemos uma brincadeira. Dentro de uma caixa havia bexigas com as palavras do enredo, o peru, o pavão, carvão, ribeirão, água, pássaros, etc. Um por um dos alunos encheu sua bexiga, a estourou, leu sua palavrinha e reescreveu-a no



quadro, quando às dúvidas surgiam, os demais colegas ajudavam-nos. Uma prática lúdica que rendeu bons resultados.

A outra parte da atividade foi utilizando a letra da música. Imprimimos a canção e recortamos em várias partes para que as crianças conseguissem montar toda a música na sua ordem correta, sobre um papel madeira. Atividade que requer dos alunos concentração, conhecimentos prévios dos signos linguísticos e senso de trabalho em equipe.

Durante o tempo que ficamos na sala com as crianças, elas procuraram nas suas vivências, animais, situações, lugares, objetos, tudo aquilo que arremettesse ao que foi feito durante a oficina. Essas memórias fazem parte de uma aprendizagem significativa. Tudo que por elas foram ditas, é próprio das suas realidades e que trazem valores culturais e sociais. Nas crianças, despercebidos ou nunca tido como de valor.

Às duas últimas oficinas ocorreram em turmas de maternal I e II, com uma média de 17 alunos por turma. Em ordem decrescente, a segunda oficina ocorreu no maternal II, sentimos os alunos argumentativos e receptivos.

Trabalhamos com os campos de experiências “Traços, sons, cores e formas - TS” e “Escuta, fala, pensamento e imaginação - EF” para a educação infantil da Base Nacional Comum Curricular (2018), o campo TS, incentiva o uso das expressões artísticas para desenvolver os sentidos e criatividade das crianças, já o quarto campo (EF), valoriza a comunicação como intensificadora do desenvolvimento da infância. Ademais, o campo EF, fala que:

Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2018, p. 42).

Para essa turma do maternal II, o gênero textual escolhido foi a fábula “Os Três Porquinhos”. A contação de histórias em sala de aula além de ser uma diversão para crianças é principalmente uma ferramenta pedagógica. Podemos descobrir um mundo totalmente novo, cores, gestos, tempos. Estudarmos inúmeras disciplinas, sem sequer, sabermos os nomes.

Para Betty Coelho (1999, p. 26) “a criança que houve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente



aprende a procurar nos livros, novas histórias para o seu entretenimento.”, as benesses da leitura ainda propiciam a formação de bons leitores.

A contação das histórias juntou outros aspectos visuais como imagens dos personagens, caracterização e fundo musical, tudo isso para que as crianças pressentissem o maior nível de familiarização com o imaginário do texto.

Depois da leitura, iniciamos a discussão e análise do contexto que se dá a fábula. Os próximos passos da atividade foi criar justamente uma relação significativa com a história narrada e a vivência das crianças. Ou seja, o que tem naquele contexto da história que elas conhecem? Os porquinhos, as casas, as matérias-primas que foram usadas pelos porquinhos para erguê-las, e tantas outras coisas.

Algumas perguntas auxiliaram os pequenos a analisarem a fábula, como, por exemplo: *quais são os tipos de moradias?* Disseram que era palha, madeira e tijolo. *Moram ou já viram casas de madeira, ou palha?* Algumas das crianças já viram casas de madeira (pau a pique) — tidas como muito comum até antes dos anos 2000, no brejo paraibano — nas redondezas onde residem. Falamos também sobre onde encontramos esses materiais, como a palha e madeira. Apontaram locais de onde poderíamos encontrar esses objetos durante o trajeto que fazem até chegar à escola. São questionamentos que levam a reflexão, então a criança rememora aspectos passados, utiliza do seu senso comum adquirido pela convivência com os pais, tios ou avós, ou outros parentes e (re)formulam as suas ideias.

Consequente, juntos, fizemos a reescrita livre do texto sobre o papel madeira, que ora tinha sentenças de palavras, ora desenhos ilustrados, realizamos a leitura do que foi escrito após a finalização. Sobre uma mesa havia esboço de desenhos dos três modelos de casas, a de palha, madeira e tijolos e ao lado desses materiais, objetos que os representavam. A palha do coqueiro referente à primeira casa, o palito de picolé e gravetos para a segunda, pedaços de papel cortados com o desenho de tijolos para a última.

O desafio posto foi que para cada casinha falada no texto, eles as reconstruíssem por meio de pinturas e usando os materiais ofertados. Coloriram as casas a seu bel-prazer e após fizeram as colagens dos materiais sobre as respectivas casas, alguns pintaram de determinada cor porque atrelaram as casinhas da fábula a suas casas reais.

No final, recapitulamos tudo o que outrora foi conversado, e num último momento foi feita a reflexão de a onde eles imaginariam que aquelas casinhas poderiam ser erguidas e com quem e o que teria nelas? As respostas saíram dissemelhantes como é de se esperar, mas o sentimento é o mesmo. Não se ensina para que limitem a sua vida unicamente ao mesmo lugar



de sempre, mas para que se compreenda que aonde vão, seja onde for, depreendam o local de onde vieram.

A terceira e última oficina deu-se no maternal I, a ideia ponderada para o dia foi trabalhar aspectos motores dos pares. Por se tratar de criancinhas muito pequenas, uma dificuldade surgiu: como tratar aspectos da educação do campo com crianças tão pequenas? Refletido bastante acerca da situação, optamos por trabalhar com “brinquedos”, que nesse caso, usamos maquetes produzidas por nós, feitas com caixas de papelão, palitos e linhas de croché, sempre muito coloridas, que espelhasse alguns símbolos locais, a exemplo do prédio da escola.

Nessas maquetes havia alguns palitos para que ao utilizarem macarrões pudessem decorar as maquetes, linhas de croché para as criações de cordões e pulseiras também com macarrão. Trabalhando assim, a percepção de cores, texturas e tamanhos. Havia também, uma folha de cartolina com um desenho grande de um prédio, que representava a escola, com o nosso auxílio e das professoras da turma, as crianças fizeram um grande cordão da linha de croché com os macarrões e colamos ao entorno do molde feito, ficando bem colorido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de uma grande complexidade desenvolver práticas que culminem com as questões do campo, haja vista sobre o curto espaço de tempo das ações. A propósito disso procurou-se algo que valoriza a escola, que propriamente é uma referência de empoderamento aliado do campo.

Nossas considerações acerca do trabalho realizado na Escola Lindolfo Grilo, nos faz acreditar que estamos no caminho certo de contribuir, através de nossa proposta, de disseminar entre o corpo docente, discente e a gestão da escola, o documento das Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo, assim fortalecendo a identidade camponesa dessa comunidade escolar.

As especificidades da área do campo (zona rural) têm apresentado suas contribuições para a formação do profissional pedagogo, ao passo que revela muitos desafios da prática educativa. Essa questão e outras foram problematizadas no processo e amadurecidas, de modo que pudemos pensar na aproximação da teoria com a prática, assim como no fortalecimento da formação do profissional pedagogo em suas diferentes competências.

A indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa foi um aspecto norteador do projeto, pois buscamos através da *pesquisa* – princípio da prática pedagógica - as leituras que serviram de fundamento teórico na elaboração e execução do projeto; valorizar o



ensino/docência, elemento principal do projeto, aprendido na configuração da relação teoria e prática no desenvolvimento da docência; já a *extensão* é um interlocutor essencial para o constante diálogo e ampliação dos saberes entre os participantes.

Concluimos que é necessário a continuidade do projeto em outras edições, para que possamos oportunizar o debate entre a universidade e a comunidade escolar acerca educação do campo, e, ampliar o conhecimento produzido sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC, **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2018.

_____. MEC. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. CNE/MEC, Brasília, 2002.

_____. **Panorama da educação do campo**. Brasília: INEP/MEC, 2005; COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: África. 1999.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: África. 1999.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

MOLINA, Mônica Castagna; OLIVEIRA, Liliane Lúcia Nunes de Aranha; MONTENEGRO, João Lopes de Albuquerque. **Panorama da Educação do campo**. In: Antonio Munarin, Sônia Beltrame, Soraya Franzoni Conte e Zilma Isabel Peixer (Orgs.) **Educação do Campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011.